

**MÚLTIPLOS LETRAMENTOS NA ERA DIGITAL:
CONEXÕES E POSSIBILIDADES NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Simone Silva Cunha (UCP)

mone_fenix@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo discute de que maneira o advento das novas tecnologias e sua inserção nas escolas, agregado ao uso de diversas mídias, promovem, no espaço da sala de aula, a constituição de práticas de letramento, principalmente àquelas relacionadas ao mundo virtual/digital. Partimos da perspectiva de que as práticas de letramento digital já podem ser encontradas nos gêneros orais que a criança utiliza na sala de aula, quando ainda não domina o sistema de escrita. Sob esse viés, refletimos sobre novas possibilidades de ação pedagógica com a língua escrita na perspectiva de se repensar metodologias de trabalho com alunos do ensino fundamental que favoreçam a formação de sujeitos letrados na era digital em que nos encontramos.

Palavras-chave: Letramento digital. Práticas pedagógicas. Ensino fundamental.

1. Introdução

“Para quem saber ler, um pingo é letra” é a reminiscência maior que trago da fala de minha mãe em minha infância. Ao trazer essa sentença para iniciar o diálogo a que me proponho neste artigo, cabe a reflexão sobre o cenário educacional em que nos situamos, onde a maioria das pessoas tem dificuldades em compreender os sentidos e significados além das “letras escritas”. É incontestável que se está vivendo um novo sistema de comunicação, centrado nas tecnologias de informação. Essa revolução tecnológica, principalmente pelo uso crescente de aparelhos celulares (*smartphones*) está remodelando práticas sociais, tornando-se fundamental para as relações na sociedade contemporânea. Conteúdos significativos são construídos e compartilhados nas práticas sociais de linguagem que circulam nos ambientes digitais e muitos desses conteúdos significativos são perceptíveis e compartilhados nas interações entre os participantes do mundo virtual (ROJO, 2013). Num cenário de práticas sócias que envolvem textos, relação de poder e ideologia, a preocupação com a leitura e escrita, considerando as tecnologias emergentes e seu intenso uso por parte dos alunos, num mundo mediado pelas tecnologias de informação e comunicação (TIC), requer um olhar sobre a temática do letramento digital na educação, não ignorando que a tecnologia

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

influencia, molda e transforma práticas de interação cotidianas. (COS-CARELLI & RIBEIRO, 2005)

Uma compreensão comum sobre o letramento é o que assume o conhecimento cultural capacitando os atores sociais a proceder em modos particulares de maneira a prevenir e superar os problemas do cotidiano, tanto em ações solitárias como em interações sociais (RIOS, 2013). Embora em muitas situações pode-se dizer que isso ocorra, as pessoas geralmente tendem a esquecer que há elementos constitutivos em uma prática particular que envolve letramento, tais como a disponibilidade de artefatos materiais, a natureza das relações e interações sociais que afetam o evento e a disposição psicológica dos participantes. Nesse sentido, o que é problemática é uma redução da prática como todos os seus elementos ao ato de ler e escrever, como se este fosse o elemento essencial e os outros apenas consequências.

Nesse sentido, a temática do letramento, principalmente sob a perspectiva de letramento digital, é um assunto que suscitou a presente pesquisa sobre a qual me debruço em meu doutorado, cujo recorte irei apresentar nesse artigo. Somos letrados (e porque não dizer, versados) no uso das tecnologias. Mas até que ponto conseguimos realmente ler as “entrelinhas“, já que estas se entrecruzam, numa mistura de *bites* e textos, de significantes e significados diversos, desde o primeiro clique feito até as inúmeras navegações que fazemos? Sabemos que a concepção dominante de letramento por muito tempo referiu-se à habilidade cognitiva e individual de ler e escrever. Ainda que essa concepção de letramento seja útil e importante, discute-se uma concepção mais ampla desse primeiro conceito, que leva em consideração as práticas sociais para que os letramentos sejam realizados.

O termo letramento é considerado por Magda Soares (1998, p. 47) como “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva as práticas sociais que usam a escrita” e continua etimologicamente ligado à idéia de letra, de escrita. No campo da cultura digital, o letramento digital define-se de maneira especial, pela mesma autora, como um

certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e escrita na tela, diferente do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel. (SOARES, 1998, p. 151)

Tendo em vista que vivemos em “um mundo regido pela sinestesia que ocorre entre as representações multimodais em textos impressos e

digitais, orais e escritos, pela diversidade intensa, divergência e multilinguagem" (KALANTZIS & COPE, 2012, p. 37), o letramento passa a assumir uma nova identidade pela necessidade de desenvolver não só a competência do aluno para a leitura em seu ambiente social, acadêmico e pessoal, mas também a prepará-lo para os desafios da era digital/virtual do ciberespaço que inclui interconectividade com as diversidades locais e globais e sua capacidade para refletir e agir para transformar (FREIRE, 1996). O aluno também assume uma nova identidade associada à era digital ao usar redes sociais, como o *Twitter*, o *Facebook*, os ambientes de *chats*, ao usar aplicativos no celular como *Hangouts* e *Whatsapp*. Ao colaborar e socializar *online* favorece o que João Mattar (2010, p. 11) diz que “a cultura da passividade (assistir) [está] sendo substituída pela cultura da interatividade”. Com isso, não basta ao indivíduo ser letrado para apenas ler e escrever, mas precisa, além disso, desenvolver um letramento para textos que incorporam uma nova identidade pelas múltiplas representações de significado em sua composição na página impressa ou nas telas que se apresentam. (KALANTZIS & COPE, 2012; ROWSELL & WALSH, 2011)

2. *Letramentos na era digital: o ensino fundamental em foco*

Ler envolve trazer conhecimento para um texto. Alberto Manguel (1997, p. 19) ao se referir à importância da leitura e do ato de ler, nos mostra que o texto influencia e estrutura o modo como experimentamos a realidade, além do “controle sobre o que sabemos e de como nos sentimos, afetando o nosso estado de espírito – nos fazendo sentir tristes, felizes ou esperançosos”.

Trazendo essa visão de leitura para os contextos digitais contemporâneos, o leitor atual, segundo Pierre Lévy (1999) amplia seu leque de possibilidades de leitura à medida que entra em contato com gêneros textuais reconfigurados, chamados hipertextos, que por vezes são híbridos, “cruzamentos” de algo conhecido com alguma possibilidade nova, parcialmente estranha ao seu universo, mas parcialmente reconhecíveis também.

De acordo com Mary Kalantzis & Bill Cope (2012), o foco de um trabalho em letramentos recai não apenas no modo linguístico e no seu papel importante para dentro desse contexto, mas em outros meios de comunicação por meio de textos digitais e impressos, pelos seus *layouts* multimodais criados pelas tecnologias. É preciso ressaltar que os alunos

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

da era digital a quem os esforços pedagógicos são direcionados, tem uma tendência em ser colaborativos, a saberem resolver problemas pela lógica e raciocínio; a aprenderem por descoberta, sendo que dificilmente seguem regras de como funciona um equipamento, por exemplo. São inovadores, capazes de interpretar o mundo em múltiplas perspectivas e sabem participar de ambientes sociais e culturais diversificados. Desse modo, devem-se fomentar transformações/incorporações nos processos de letramento, frente às necessidades contemporâneas de ensino-aprendizagem, visando contemplar práticas que possam extrapolar o contexto escolar.

O ensino de língua portuguesa, nessa perspectiva, pressupõe estratégias não apenas para que o aluno possa lidar com os aparatos da tecnologia da informação e da comunicação, mas também que esse conhecimento possa abrir caminho para a construção de outros, por meio da ação/reflexão sobre os gêneros/discursos que, do mesmo modo, servem como objeto de estudo, sejam eles mais característicos dos ambientes digitais ou não. O que se evidencia, dessa forma, a partir da argumentação, é a necessidade de ir além da prática de ensinar a usar um recurso (uma ferramenta, como editor de texto, de vídeo ou de imagem), nos moldes de uma aula de informática. O trabalho da escola sobre essas práticas, classificados como “alfabetismos necessários às práticas de “multiletramentos”, para serem profícuos, precisam se direcionar “para as possibilidades práticas de que os alunos se transformem em criadores de sentidos”. (ROJO & MOURA, 2012, p. 29)

Mary Kalantzis & Bill Cope (2008) nos lembram que

(...) se você é um aluno que tem de se confrontar com práticas arraigadas e sedimentadas, se a história não faz sentido para você ou se a língua não desliza facilmente de sua boca ou caneta, você falhou e está perversamente incluído no padrão de homogeneidade nacional, por meio de um tipo de exílio cultural interno, uma forma de inclusão definida pela exclusão e marginalização. (KALANTZIS & COPE, 2008, p. 59)

Gisele Schmidt Bechtluff Sophia & Pedro Benjamim Garcia (2015), o propósito da educação escolar deve ser o de construir sentidos para o aprendiz. A leitura em seu sentido ampliado, não somente da decifração, mas igualmente da interpretação, é o caminho para a construção dos saberes desse aprendiz. Se os textos da contemporaneidade mudaram, as competências/capacidades de leitura e produção de textos exigidos para participar de práticas de letramentos atuais não podem ser as mesmas. Nesse sentido, devemos deixar de lado o olhar inocente e engergar o aluno em sala de aula como “o nativo digital que é: construtor-

colaborador das criações conjugadas na era das linguagens líquidas”. (SANTAELLA, 2007, p. 78)

Sob esses preceitos, devemos considerar que os estudantes trazem para sala de aula conhecimento sobre os letramentos que praticam em casa e na sua comunidade, em que não é apenas a fala que se associa à escrita, mas também outras semioses vinculadas à tecnologia: som, imagem, cor, movimento (em mídias como a televisão, cinema, computador, jogos eletrônicos, celulares). Assim, é proveitoso partir do que o aprendiz tem armazenado, seja de forma inata, seja por meio da experiência, e introduzir habilidades específicas de leitura crítica, favorecendo a expansão do repertório dos letramentos dos mesmos. Não se argumenta aqui pela separação entre os velhos conhecimentos e os novos, entre o real e virtual, mas que haja um processo de entrelaçamentos e transformações. A integração do novo com o que já se tem/sabe auxilia no processo de apropriação dos letramentos digitais, em uma constante espiral do conhecimento.

Na perspectiva dos multiletramentos, o ato de ler envolve articular diferentes modalidades de linguagem além da escrita, como a imagem (estática e em movimento), a fala e a música. Nesse sentido, refletindo as mudanças sociais e tecnológicas atuais, ampliam-se e diversificam-se não só as maneiras de disponibilizar e compartilhar informações e conhecimentos, mas também de lê-los e produzi-los. O desenvolvimento de linguagens híbridas envolve, dessa forma, desafios para os leitores e para os agentes que trabalham com a língua escrita, entre eles, a escola e os professores. (ROJO, 2013)

3. Considerações finais

Diante do exposto, concordando com Mary Kalantzis & Bill Cope (2008), frente às novas formas de aprendizagem e, conseqüentemente, novas possibilidades de ensino contemporâneas, que se busque formular uma pedagogia para o letramento digital, levando em conta ações pedagógicas específicas, que valorizem todas as formas de linguagem (verbal e não verbal), cujo foco deve ser o aprendiz, que passa a ser protagonista nesse processo dinâmico de transformação e de produção de conhecimento e não mais um reprodutor de saberes.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSCARRELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KALANTZIS, Mary; COPE, Bill (Orgs.). *Multiliteracies, Literacy learning and the design of social futures*. London: Routledge, 2008.

_____. *Literacies*. Australia: Cambridge University Press, 2012.

LÉVY, Pierre. *O que é virtual*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MATTAR, João. *Games em educação: como os nativos digitais aprendem*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

MANGUEL, Alberto. A última página. In: _____. *Uma história da Leitura*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997, p. 15-38.

RIOS, Guilherme Veiga. Letramentos do mundo da vida e letramentos de sistemas: revisitando os letramentos dominantes. *Signótica*, vol. 25, n. 2, jul./dez. 2013. Disponível em:

<https://www.revistas.ufg.br/index.php?journal=sig&page=article&op=view&path%5B%5D=23124&path%5B%5D=15804>. Acesso em: 08-01-2016

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. Alfabetização e multiletramentos. In: *Plataforma do letramento*, 2013. Disponível em: <http://www.plataformadoletramento.org.br/em-revista-entrevista-detalle/246/roxane-rojo-alfabetizacao-e-multiletramentos.html>. Acesso em: 15-06-2016.

_____; MOURA, Eduardo. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

ROSELL, Jennifer; WALSH, Maureen. Rethinking Literacy Education in New Times: Multimodality, Multiliteracies & New Literacies. *Brock Education*, vol. 21, n. 1, p. 53-62, 2011. Disponível em:

<<https://brock.scholarsportal.info/journals/brocked/home/article/view/236>> Acesso em: 06-06-2016.

SANTAELLA, Lúcia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

SOPHIA, Gisele Schmidt Bechtloff; GARCIA, Pedro Benjamim. *Andanças pelo país das maravilhas e pelo bosque do espelho: reflexões de Alice para a Educação*. Jundiaí: Paco, 2015.